

A casa, o vento gelado e a pressa

*Por Gislaine Buosi*

Em tempos de aluguéis tão caros, a família de Romeu considerou um verdadeiro milagre encontrar uma casa grande, o aluguel acessível. A enxada gasta dava notícia de um jardim bem cuidado. Marta, a esposa, mesmo antes de conhecer todos os cômodos, colheu botões de rosa e galhos de chorão, para um arranjo na mesa. “A mesa ainda está no caminhão da mudança, Marta!” As crianças revezavam-se entre si, animadas, ajudando a descarregar o caminhão, mil caixas de utensílios, roupas etc.

Móveis postos, casa arrumada. A noite prometia um bom descanso, mas, apesar do calor, um vento gelado uivava, dizendo coisas... “Não sabia que o vento falava, mamãe!” A primeira iniciativa foi tapar as frestas das janelas. Inútil. O vento passou a uivar mais alto, parecia nervoso. O medo instalou-se entre eles.

Na segunda noite, as crianças acordaram chorando, “Ouvi passos no corredor, papai”, “Também ouvi!”, “Eu também!” Romeu levantou-se para investigar e, ao abrir a porta do quarto, viu, no final do corredor, uma luz que piscava, ao mesmo tempo em que ouvia risada e choro de criança.

A estada não era tranquila. A família, atenta, parecia aguardar, o tempo todo, algum fenômeno diferente. Foi quando Marta encontrou sinais de mãos pequenas, sujas de terra, na parede da cozinha. O jardim estava revolvido. Indagados, os filhos juravam que não haviam feito aquilo.

Determinados a entender o que estava acontecendo, começaram a explorar a casa com mais rigor, e deram com o porão; entraram, pé ante pé - teias de aranha, poeira, aspecto de lugar pouco visitado. Um deles encontrou um diário - folhas amareladas, letras pouco legíveis. Mal e mal, Romeu conseguiu ler umas linhas: “Esses não são meus filhos, nem aquela é minha mulher. Achei todos eles no cemitério.”

No dia seguinte, uma vizinha os abordou, “Nenhum inquilino consegue ficar nessa casa por mais de uma semana. Um que morou aqui uns três dias, disse que as pernas tremeram quando ele usou a enxada para limpar o jardim... Essa casa era do coveiro. Dizem por aí que ele guardava esqueletos no porão, e que fazia experiências macabras. Tem gente que fala até que ele roubava os sapatos dos defuntos. Dizem que as rosas do jardim serviam para forrar os caixões... Mas não sei se tudo isso é verdade - é o que o povo diz!”

Choro, risada e lâmpada piscando chegaram antes de a noite cair, o que levou Romeu a começar a desmontar os móveis. As crianças se revezavam, mil caixas de utensílios e roupas foram recarregadas no caminhão de mudança. O vento gelado não dava trégua.

Diz o povo que Romeu, na pressa, acabou esquecendo o par de sapatos, bem alinhados, no jardim. Estranhamente, era mais um par de sapatos na casa mal assombrada.